

A INSTRUÇÃO POPULAR

A-pesar-de quase quinze anos de república e dos republicanos, durante o período da propaganda, constantemente proclamarem que o novo regime cuidaria com todo o zélo da instrução do povo, não há ainda uma única escola capaz de satisfazer esse objectivo. A educação popular não é causa nenhuma.

Há uma instrução para os filhos dos burgueses e reduzidamente nas escolas em que os filhos de operários podem ter uns rudimentos de instrução. A tendência geral dos políticos é mesmo para fazer uma escola especial para os pobres continuando a manter as escolas para os ricos.

Não se percebe o disparate de a lado da instrução ministrada nos liceus, se ter criado a das escolas primárias superiores, para serem frequentadas pelas classes populares. Deu isso em resultado que nem o liceu é sob certos aspectos uma escola como convém à juventude, nem as escolas primárias superiores ministram uma educação integral, que pudesse convir não apenas a filhos de operários mas a toda a gente.

O grande princípio a atender na educação é este: dar uma instrução geral a toda a gente. Até um certo grau a cultura é ministrada a todos indistintamente. Dali em diante aparecem os cursos especializados, as indústrias, as ciências e as artes. Durante o período da escola única e primária, que tódas as crianças, pobres e ricas, freqüentariam, denunciavam-se as tendências e aptidões dos alunos que seguiriam depois o seu natural destino, independentemente das profissões ou condições de fortuna dos pais.

A república não fez ainda isso. Não criou o grupo de escolas necessárias para uma educação completa das gerações futuras.

Não seria esta uma ocasião própria para o operariado tomar sobre os seus ombros o encargo de procurar criar alguma coisa neste sentido? Julgamos que com a cooperação de todos os elementos operários que se interessam pela instrução do povo se poderia conseguir realizar uma Escola Modélo, que abrangesse a educação desde os primeiros anos e pudesse ser freqüentada por uma população bastante numerosa de alunos, por forma a sentir-se dentro de alguns anos a sua influência nos meios operários.

Seria assim uma maneira de manifestar uma aspiração da classe operária e um primeiro impulso a dar a essa obra de que os republicanos se têm vergonhosamente desinteressado.

Trotzky de novo na política?

MOSCOW, 27.—Afirmou-se que o cargo de embaixador dos soviéticos no Japão será dentro em pouco confiado a Trotzky. — L.

O preço do pão não será aumentado
... diz o ministro da agricultura

O ministro da agricultura forneceu várias informações à imprensa que se resumem na declaração de que o preço do pão não será aumentado. As cotações do trigo que tinham ultimamente subido nos mercados estrangeiros desceram já, podendo manter-se o actual preço do pão, assegurando ainda à Moagem aqueles escandolosos lucros de que ela ainda não está disposta a desfazer-se.

Promete o ministro da agricultura que usará do maior rigor para com a Moagem no que respeita ao fabrico e ao pão do pão. Disse também que a obrigará a vender pão de luxo quando escassear o pão de 1.º. É claro que tódas estas promessas se fazem a troco de explêndidas concessões para a Moagem.

Quanto ao rigor no fabrico e na pesagem do pão, salientou-se que essas coisas eletricamente obrigatórias, mesmo dentro dos processos burgueses, constituem promessas que até hoje se não cumpriram. E a fiscalização do pão, quando se faz, tem sido um negócio de lucro para a Moagem e para certos fiscais e de prejuízo certo para os consumidores.

Congresso Nacional dos Mineiros ingleses

LONDRES, 27.—Reuniu-se o congresso da Federação Nacional de Mineiros. Assiste à reunião o sr. Frank, ex-secretário da Federação, e que durante os últimos cinco anos se mostrou partidário de uma política de pacificação. Os congressistas depois de tomarem conhecimento da ordem dos trabalhos, marcaram nova sessão para amanhã. — R.

A todos os nossos agradecimentos.

O PAPÃO...

O Século, para justificar ante as classes ricas que defende, os 10 mil contos por que foi adquirido, volta ontem a tocar a estafeta aria do bolxevismo russo, agitando e exagerando os perigos deste, está claro para melhor vender o seu peixe.

Já aqui dissemos que O Século precisa convencer-se, no seu próprio interesse, que nem todos os seus leitores são parvos, e não nos parece que a um jornal que pretende ser dos primeiros do país, vá bem a posição ridícula dessas mesquinhias especulações.

Pois não é verdade que é duma grande inferioridade mental pretender-se que, pelo facto de existirem aspectos censuráveis na revolução russa, os trabalhadores e avançados portugueses devem sustar a marcha das suas reivindicações?

Já aqui demonstrámos, com suficientes argumentos, que, em todos os tempos, já-mais as anomalias registradas nos movimentos revolucionários impediram a humanidade de seguir o caminho das transformações sociais.

Não compreendemos a insistência de O Século, tanto mais que nessas especulações nem sempre fala a verdade aos seus leitores. Repetamos grave essa coisa de O Século, tendenciosamente, informar mal os seus leitores, o que nos leva a chamar a atenção dos trabalhadores de todo o país, prevenindo-os de que não podem ter em consideração o que se escreve nesse jornal.

Também achamos pueril que O Século se preocupe com os males do bolxevismo russo, agitando-os como o pior papão, não querendo ver que o pior dos bolxevismos é aquele que estão fazendo entre nós as «fórcas vivas», que desde a guerra se perduraram as gírias do povo consumidor, enriquecendo a custa da sua miséria, pretendendo, ainda por cima, levar as classes conservadoras e o próprio exército para uma luta que será das piores consequências.

Se o bolxevismo português das fórcas económicas está muito mais perto de nós do que o da Rússia, porque se preocupar O Século com este, transigindo com as fórcas parasitárias e egoístas que transformaram o país numa feira de interesses pessoais?

Na revolução russa e no regime que esta implantou factos a censurar?

Com a autoridade moral que lhe assiste, e que falta ao Século, mais duma vez A Batalha os tem comentado com a maior independência.

Discordamos do mal que se pratica na Rússia, como discordamos do mal que se pratica em Portugal ou em qualquer parte, seja qual for o regime.

As fórcas vivas chorando lágrimas de crocodilo, pela desgraça que ameaça os trabalhadores portugueses com a hipotética vinda do bolxevismo, ao mesmo tempo que defende a miserável plutocracia formada por tódas as sangueus que exploram o povo, é simplesmente ridículo.

O pior bolxevismo, entre nós, é o dum comércio egoísta, que quiz fazer fortuna em meia dúzia de anos, e que teima em não descer o custo da vida.

O pior bolxevismo é o dum finanças infartável e tuzaria, que promove especulações asfixiando um país inteiro, colocando-se, covardemente, sob a protecção da força armada.

O pior bolxevismo, é o dum industrial parasitária e comércio sem educação, incapaz dum audácia simpática que traga ao país um largo plano de fomento ou progressiva transformação.

O pior bolxevismo é o dum oligarquia cínica que só se revolta contra o Estado quando este não lhe satisfaz todos os caprichos e exigências.

O pior bolxevismo é de alguns novos ricos e ridiculos aristocratas que, numa época de miséria, ousam afrontar o povo com o esplendor do seu luxo, pavoneando-se em festas que custam centenares de contos de réis.

O pior bolxevismo é das classes conservadoras que levam a vida inteira, num fúria homicida, pedindo à guarda e à polícia que fuzile o povo logo que este esboce o mais pequeno protesto.

Finalmente, o pior dos bolxevismos é das classes exploradoras, na sua maioria vivendo da usura e do lucro ilícito, incapazes de, voluntariamente, fazerem uma justa concessão ao trabalhador—incapazes sempre de qualquer obra gigantesca de educação ou caridade, capaz de abalar a nossa sensibilidade.

Este bolxevismo, cujos crimes poderiam encher muitas páginas de jornal, é o pior de todos. Ele é que provoca e acabará por arrastar o povo para a maior das catástrofes sociais.

Entretanto, O Século, jesuiticamente, não vê, não sente este bolxevismo, que tem mesmo de portas a dentro, e preocupa-se, apenas, com o que vai pela Rússia..

Que autoridade moral tem O Século para falar dos desmandos do bolxevismo russo, desde que pactua, protege, estimula e defende o pior dos bolxevismos, que é dos seus donos, os exploradores das energias do país?

O aniversário de "A Batalha"

A Associação de Classe dos Tanoeiros de Lisboa teve a gentileza de nos endereçar o seguinte ofício:

Presidido camara director de A Batalha

— A direcção desse sindicato na sua reunião de hoje resolreu enviar-lhe as suas sinceras saudações pelo passagem do 6.º aniversário do órgão dos trabalhadores, fazendo votos pela sua prosperidade e desejando que ele siga sempre a direcção para que foi criado, e que a sua propaganda seja sempre baseada no sindicalismo revolucionário.

Mais saudamos todos os camaradas que trabalham pelo engrandecimento de A Batalha para que ela possa continuar através de todos os sacrifícios e perseguições devido a causa dos trabalhadores.

A todos, pois, as nossas sinceras saudações sindicalistas revolucionárias.—Pela direcção o 1.º secretário—Faustino Ferreira;

O jornal As Novidades referiu-se também amavelmente à passagem do nosso aniversário.

A todos os nossos agradecimentos.

Uma riverada na forja?

Fala-se novamente num movimento militar, de carácter reaccionário, ditatorial, acrescentando-se que os seus organizadores contam com o apoio de tódas as classes conservadoras do país. Trata-se dum movimento de reacção política e de reacção económica.

A intriga réles que os jornais das «fórcas vivas», com o Século à frente, e os jornais monárquicos veem tecendo em torno do exército não visa outro alvo senão o que vem agora surgindo bem claro ante os olhos do povo—desencadear em Portugal um movimento militar, talhado nos moldes de Primo de Rivera.

Neste momento em que tódas as ditaduras vão pela Europa derruinado aos poucos, manietando-se nas suas práticas ruinas que provocaem, é que em Portugal alguns reaccionários contando com o apoio imoral das «fórcas vivas» pretendem implantar um regime de força que traga ao país maiores amarguras, maiores ruínas.

Passou anteontem por Lisboa, um homem que vai ocupar o cargo que um golpe de Estado militar tentará destruir. O regresso de Alessandri à presidência da república do Chile tem um alto significado: o fracasso duma ditadura.

Estes regimes de violência cega só agradam às classes capitalistas, às «fórcas vivas», motivo porque nos países onde elas se estabeleceram todos contra elas protestam, excepto os exploradores que neles entram contra melhor salvaguarda dos seus interesses inconfessáveis.

Em Portugal, são os banqueiros, os grandes comerciantes, os grandes industriais e os monárquicos que mais ardente mente desejam o triunfo duma ditadura militar que será, ao mesmo tempo, o triunfo duma reaccionária ditadura económica que estão preparando e impulsando.

Sabemos, entretanto, que uma parte do exército está pouco disposta a servir de joguete nas mãos das «fórcas vivas» e que discordando da violência que se prepara contra o chefe do Estado, levará até onde as circunstâncias o determinarem a sua oposição aos reaccionários e à premeditada ditadura.

Estas informações que hoje tornamos públicas, reforçam o aviso que ontem fizemos ao povo trabalhador acerca dos manejos da União dos Interesses Económicos.

O operariado já sabe que destino lhe está reservado nesse regime ditatorial que militares e «fórcas vivas» coligidos lhe preparam. Tódas as pequenas regalias e liberdades de que disfruta o povo trabalhador serão aniquiladas pela força bruta da reacção. E' preciso, pois, que todos os operários e todos os que têm amor à liberdade se preparem para resistir à monstruosaidade política que se anuncia desencadear-se.

No Banco de Portugal

Os acionistas do Estado atacaram a direcção do banco e conseguiram um triunfo parcial da lista do governo

A assembleia geral de ontem no Banco de Portugal teve uma concorrência deserta de acionistas e decorreu com bastante agitação. Motivos: a eleição da direcção e discussão do relatório da gerência. Esta eleição apresentava um aspecto inédito: a presença na assembleia de altos funcionários do Estado e de políticos em evidência que ali iam com acções que o Estado recentemente lhes distribuiu, para defender os seus interesses e fazerem virar uma lista oficial.

O Estado conseguiu assim formular várias acusações à conduta seguida nos últimos anos pelo Banco de Portugal, o que levantou grandes protestos por parte das acionistas que se deixaram arrastar pelo seu temperamento fogo e pela sua ânsia de lucro, sem ter reflectido se essa atitude seria a que mais conviria. Outros, os acionistas mais astutos deixaram-se ficar sossegados, pensando que não conviria fazer ruido ou usar de energia desde que não tivesse um resultado útil para os seus desejos.

O Estado conseguiu assim formular várias acusações à conduta seguida nos últimos anos pelo Banco de Portugal, o que levantou grandes protestos por parte das acionistas que se deixaram arrastar pelo seu temperamento fogo e pela sua ânsia de lucro, sem ter reflectido se essa atitude seria a que mais conviria. Outros, os acionistas mais astutos deixaram-se ficar sossegados, pensando que não conviria fazer ruido ou usar de energia desde que não tivesse um resultado útil para os seus desejos.

Um dos representantes do Estado, sr. Mateus Aparício, da Caixa Geral de Depósitos, atacou veemente a direcção do Banco. Acentuou que o Banco não colaborou na melhoria cambial.

Afirmou que ele não auxiliou nem o comércio, nem a indústria porque não quis. Tinha dinheiro para o fazer, a sua carteira em ouro poderia dar os escudos que faltavam ao mercado. E preferiu em vez de prestar esse auxílio conservar o dinheiro fechado nos cofres.

Mais saudamos todos os camaradas que trabalham pelo engrandecimento de A Batalha para que ela possa continuar através de todos os sacrifícios e perseguições devido a causa dos trabalhadores.

A todos, pois, as nossas sinceras saudações sindicalistas revolucionárias.—Pela direcção o 1.º secretário—Faustino Ferreira;

O jornal As Novidades referiu-se também amavelmente à passagem do nosso aniversário.

A todos os nossos agradecimentos.

«BLAQUE» ALEMÃ Uma fortuna sem valor

Alguns milhões de milionários arruinados para sempre
Onde pode conduzir a avarice!

Desde que o mundo é mundo, a paixão pelo dinheiro tem sido sempre notável entre os homens. Existe em cada indivíduo, salvo raríssimas e honrosas exceções, um avaro feroz que gosta de ter muito em segredo umas moedas de ouro que, de noite, quando ninguém o vê, acaricia com deleite como se acarinhasse a própria felicidade material.

Desta verdade psicológica tinham os alemães conhecimento profundo. Empreendedores, espertos, resolveram aplicar a um negócio formidável esse conhecimento perfeito da psicologia humana. Criaram então a indústria do marco, a mais efémera e floriente de tódas as indústrias. Fábricas tecnicamente perfeitas começaram a fazer milhares, milhões de notas semeadas de arabescos lindos, de desenhos exóticos entre os quais sobressaem em belos números redondos as quantias que significavam: 20.000 marcos, 100.000 marcos, 500.000 marcos!

Por essa Europa e por essa América os bancos enceraram-se a aborrotar dessas notinhas maravilhosas que se vendiam por quantias irrisórias. Adquirindo algumas notas daquelas por um ou dois tostões, poderia qualquer cidadão ascender a milionário, dum momento para o outro.

A esperança numa valorização do marco, na reconstituição económica da Alemanha, levou muita gente a empregar as suas economias nessas notas de milhões de marcos. Bastaria que cada marco se valorizasse em meia centavos para que uma verdadeira fortuna entrasse scélere em casa de muitas pessoas pobres. Mas o malido marco nunca se valorizava, cada vez se vendia mais baratinho... estava na hora da morte. Houve ingleses que, com uma libra de marcos, faram ronda toda a casa de notas germânicas que faziam mais vista do que o melhor papel de 20.000 marcos, 100.000 marcos, 500.000 marcos...

E, entretanto, nos bancos alemães ia caíndo em escudos, em libras, em dólares, em francos, em pesetas, em tódas as moedas do mundo o produto dessas belas notas que não passavam de papéis pintados.

E quando os alemães notaram, pela falta de procura, que o seu produto industrial—o marco papel—já não se vendia, guardaram bem o seu dinheiro, o dinheiro dos que queriam ser milionários e decretaram a desvalorização absoluta da moeda que viveram.

Agora por todo o mundo os compradores agitam indignados os papéis sem valor, os marcos, os milhões de marcos...

Havia quem tivesse todos os seus marcos depositados em várias casas bancárias. Há pouco tempo algumas dessas casas avisaram os depositantes de que essas fortunas só valiam alguma cousa se atingissem a quantia de um trilhão de marcos papel. Sim, um trilhão de marcos papel vale um marco ouro e este—traduzido em português—corresponde a cinco escudos. Para obter cinco escudos é preciso possuir-se um trilhão (1.000.000.000.000) de marcos papel.

Esta blague que bastante dinheiro deu a Alemanha não poderia ter-se sustentado só minuto se a avarice, cegando o homem, não tivesse levado milhões de criaturas, em todo o mundo, a acreditarem que os alemães seriam capazes um dia de trocar por dinheiro autêntico a formidável fortuna de papel colorido que espalharam pelo globo.

REPUBLICANIZAR

Os jornais monárquicos inventaram uma

Agenda de A BATALHA

CALENDARIO DE FEVEREIRO

Q.	4	11	18	25	HOJE O SOL
Q.	5	12	19	26	Aparece às 7,30
S.	6	13	20	27	Desaparece às 17,45
S.	7	14	21	28	FASES DA LUA
D.	8	15	22	—	Q. C. dia 8 às 9,30
S.	9	16	23	—	L. C. dia 16 às 7,00
T.	10	17	24	—	G. M. dia 23 às 10,45
					L. N. dia 28 às 3,45

MARES DE HOJE

Praiamar às 6,24 e às 6,45

Baixamar às 11,54 e às ...

CAMBIOS

Países	Compra	Venda
Torres, 20 dias de vista	18,00	18,00
Londres, cheque	12,07	12,08
Paris	12,00	12,00
Suica	12,00	12,02
Bélgica	12,04	12,05
Itália	12,05	12,05
Holanda	12,05	12,05
Madrid	12,05	12,05
New-York	20,00	20,01
Brasil	22,00	22,30
Noruega	32,17	32,20
Suecia	26,00	26,00
Dinamarca	26,00	26,00
Praga	26,01	26,02
Buenos Aires	32,00	32,00
Viena (1000 coroas)	32,29	32,30
Rentmarcos ouro	42,00	42,00
Agio do ouro	28,30	28,30
Libras ouro	109,00	112,50

ESPECTÁCULOS

TEATROS

280 Culs — A's 16,30 — Concerto pelo Orfeon Do mosteiro de São Sebastião. — A's 21 — Benamor. Recital — A's 20,30 — Inglês...
Velozima — A's 20 — Outro espetáculo. «Vem cá não temos medo». — A's 21,15 — Mola Real. — A's 21,20 — A semana dos 9 dias. — Tremor — A's 21,15 — Sóis. — Juventude — A's 21,30 — Irmãos e «A Cidade». Maria Vitor — A's 20,30 — Reves. — Salão Voz — A's 20,30 — Variedades. — Clá Vicente (a Graca) — A's 20 — Angra. — Henrique Parque — Todas as noites — Concertos e diversões.

CINEMAS

Olimpia — Chiado Terrasse — Salão Central — Cinema Condé — Salão Ideal — Salão Lisboa — Sociedade Promotora de Educação Popular — Cine Páris — Cine Esperança — Chantreler — Tivoli — Tortoise — Gil Vicente. — MALAS POSTAIS

Foram adicionadas para hoje a expedição das malas postais pelos paquetes «Aguilas» e «Dinis», o primeiro para Las Palmas, Madeira e África Oriental (via Funchal) e o segundo para o Norte da África.

Da Estação Central dos Correios, as últimas tiragens de correspondência efectuam-se para as regiões das 11 e das ordinárias às 13 horas.

Aos marceneiros

Madeiras secas serradas, ótimas dimensões. Preço sem competidor.

Vendem-se: castanho, freixo e nogueira.

A. PIRES

Azinha da Torrinha, ao Régio

LIVRARIA RENASCENÇA

Obras literárias, científicas, profissionais e artísticas de autores portugueses e estrangeiros.

Trabalhos tipográficos, carimbos e livros de escrituração, mapas de escrituração, mapas de descarga de cotas e de matrículas para Sindicatos, Cooperativas, Comunhas, Juventudes, etc.

Grande sortimento em material escolar, artigos de papelaria e estacionaria sempre aos preços mais baixos do mercado.

MISERÉRIES, ilustrada por assinaturas, tomos e encadernadas com capas especiais em 2 grandes volumes a 4000, acrescentando-se de porto o embalagem para a província.

Sempre novos artigos e novidades literárias.

Joaquim Cardoso

Rua dos Poiares de São Bento, 27 e 29

LISBOA

As melhores são as da «União».

Tomé Feitosa, Vieira de Leiria — Pedir em todas as lojas de artigos de escrituração.

Em preços e tamanhos para rivalizar com as melhores marcas inglesas.

Pedidos nos nossos Representantes e Depositários em Lisboa sra. Ferreira & C. Lda — Calçada do Marquês de Abrantes, 138 — Telef. C. 1302

LIMAS

UNIÃO

MARCAS REGISTADAS

Pedidos nos nossos Representantes e Depositários em Lisboa sra. Ferreira & C. Lda — Calçada do Marquês de Abrantes, 138 — Telef. C. 1302

DECLARAÇÃO

A fim de pôr termo a boatos insidiosos o abaixo assinado vem declarar que nada teve ou tem nem com a propriedade de O Diário de Lisboa, nem com o que se escreve no referido jornal.

Lisboa, 27 de Fevereiro de 1925.

(a) Cândido Sotto Maior

Não, exclamou uma voz ameaçadora; e antes que Gontrham tivesse tempo de se voltar, recebeu no meio do qual se elevava a torre fortificada, tinha saída na distância de meia légua do castelo, entre as rochas acumuladas no fundo de um precipício...

Fechado neste subterrâneo com os servos que partilharam a sua sorte, Den-Braô o Pedreiro tinha morrido entregue às torturas da fome.

A aurora nascente sucedia a esta noite, durante a qual os fugitivos tinham conseguido subtrair-se aos alzogos do castelo de Plouernel; Joana a Corcunda, no limiar da sua cabana situada na extremidade da aldeia, voltava incessantemente os olhos arrasados de lágrimas para a estrada por onde devia vir Fergan, que partia na vespereira em procura do pequeno Colombaiak; de repente a serva sentiu ao longe um grande tumulto causado pela aproximação de uma numerosa multidão; de vez em quando ouviam-se confusos brados prolongados, que dominavam estes gritos frenéticos — DEUS O QUER! DEUS O QUER! Finalmente, Joana avistou, desembocando de uma estrada e dirigindo-se para a aldeia, uma multidão de gente; a sua frente caminhavam um frade montado numa mula branca, cujos ossos lhe furavam a pele, e um homem de guerra cavalgando num pequeno cavalo preto, não menos lazareto do que a mula do companheiro.

O frade, a quem uns chamavam Pedro o Ermitaño, e outros Cucu o Sovina, vestia um hábito escuro esfarrapado; na manga esquerda, ao pé do ombro via-se cosida uma cruz de pano encarnado, sinal dos que partiam para a cruzada. Uma corda lhe servia de cinto; os seus pés descalços e apenas com sandálias, descansavam em estribos de pau; com o capuz deitado para traz, deixava ver uma cabeça calva e ossosa, assim como o rosto bronzeado pelo sol abravador da Palestina; os olhos encovados, brilhando com fulgor sombrio, flamejavam-lhe no interior das órbitas, e as suas feições descarnadas exprimiam um fanatismo selvagem; com uma das mãos segurava uma tóssca

dade que por baixo da água do poço gigantesco no meio do qual se elevava a torre fortificada, tinha saída na distância de meia légua do castelo, entre as rochas acumuladas no fundo de um precipício...

Fechado neste subterrâneo com os servos que partilharam a sua sorte, Den-Braô o Pedreiro tinha morrido entregue às torturas da fome.

A aurora nascente sucedia a esta noite, durante a qual os fugitivos tinham conseguido subtrair-se aos alzogos do castelo de Plouernel; Joana a Corcunda, no limiar da sua cabana situada na extremidade da aldeia, voltava incessantemente os olhos arrasados de lágrimas para a estrada por onde devia vir Fergan, que partia na vespereira em procura do pequeno Colombaiak; de repente a serva sentiu ao longe um grande tumulto causado pela aproximação de uma numerosa multidão; de vez em quando ouviam-se confusos brados prolongados, que dominavam estes gritos frenéticos — DEUS O QUER! DEUS O QUER! Finalmente, Joana avistou, desembocando de uma estrada e dirigindo-se para a aldeia, uma multidão de gente; a sua frente caminhavam um frade montado numa mula branca, cujos ossos lhe furavam a pele, e um homem de guerra cavalgando num pequeno cavalo preto, não menos lazareto do que a mula do companheiro.

O frade, a quem uns chamavam Pedro o Ermitaño, e outros Cucu o Sovina, vestia um hábito escuro esfarrapado; na manga esquerda, ao pé do ombro via-se cosida uma cruz de pano encarnado, sinal dos que partiam para a cruzada. Uma corda lhe servia de cinto; os seus pés descalços e apenas com sandálias, descansavam em estribos de pau; com o capuz deitado para traz, deixava ver uma cabeça calva e ossosa, assim como o rosto bronzeado pelo sol abravador da Palestina; os olhos encovados, brilhando com fulgor sombrio, flamejavam-lhe no interior das órbitas, e as suas feições descarnadas exprimiam um fanatismo selvagem; com uma das mãos segurava uma tóssca

dade que por baixo da água do poço gigantesco no meio do qual se elevava a torre fortificada, tinha saída na distância de meia légua do castelo, entre as rochas acumuladas no fundo de um precipício...

Fechado neste subterrâneo com os servos que partilharam a sua sorte, Den-Braô o Pedreiro tinha morrido entregue às torturas da fome.

A aurora nascente sucedia a esta noite, durante a qual os fugitivos tinham conseguido subtrair-se aos alzogos do castelo de Plouernel; Joana a Corcunda, no limiar da sua cabana situada na extremidade da aldeia, voltava incessantemente os olhos arrasados de lágrimas para a estrada por onde devia vir Fergan, que partia na vespereira em procura do pequeno Colombaiak; de repente a serva sentiu ao longe um grande tumulto causado pela aproximação de uma numerosa multidão; de vez em quando ouviam-se confusos brados prolongados, que dominavam estes gritos frenéticos — DEUS O QUER! DEUS O QUER! Finalmente, Joana avistou, desembocando de uma estrada e dirigindo-se para a aldeia, uma multidão de gente; a sua frente caminhavam um frade montado numa mula branca, cujos ossos lhe furavam a pele, e um homem de guerra cavalgando num pequeno cavalo preto, não menos lazareto do que a mula do companheiro.

O frade, a quem uns chamavam Pedro o Ermitaño, e outros Cucu o Sovina, vestia um hábito escuro esfarrapado; na manga esquerda, ao pé do ombro via-se cosida uma cruz de pano encarnado, sinal dos que partiam para a cruzada. Uma corda lhe servia de cinto; os seus pés descalços e apenas com sandálias, descansavam em estribos de pau; com o capuz deitado para traz, deixava ver uma cabeça calva e ossosa, assim como o rosto bronzeado pelo sol abravador da Palestina; os olhos encovados, brilhando com fulgor sombrio, flamejavam-lhe no interior das órbitas, e as suas feições descarnadas exprimiam um fanatismo selvagem; com uma das mãos segurava uma tóssca

dade que por baixo da água do poço gigantesco no meio do qual se elevava a torre fortificada, tinha saída na distância de meia légua do castelo, entre as rochas acumuladas no fundo de um precipício...

Fechado neste subterrâneo com os servos que partilharam a sua sorte, Den-Braô o Pedreiro tinha morrido entregue às torturas da fome.

A aurora nascente sucedia a esta noite, durante a qual os fugitivos tinham conseguido subtrair-se aos alzogos do castelo de Plouernel; Joana a Corcunda, no limiar da sua cabana situada na extremidade da aldeia, voltava incessantemente os olhos arrasados de lágrimas para a estrada por onde devia vir Fergan, que partia na vespereira em procura do pequeno Colombaiak; de repente a serva sentiu ao longe um grande tumulto causado pela aproximação de uma numerosa multidão; de vez em quando ouviam-se confusos brados prolongados, que dominavam estes gritos frenéticos — DEUS O QUER! DEUS O QUER! Finalmente, Joana avistou, desembocando de uma estrada e dirigindo-se para a aldeia, uma multidão de gente; a sua frente caminhavam um frade montado numa mula branca, cujos ossos lhe furavam a pele, e um homem de guerra cavalgando num pequeno cavalo preto, não menos lazareto do que a mula do companheiro.

O frade, a quem uns chamavam Pedro o Ermitaño, e outros Cucu o Sovina, vestia um hábito escuro esfarrapado; na manga esquerda, ao pé do ombro via-se cosida uma cruz de pano encarnado, sinal dos que partiam para a cruzada. Uma corda lhe servia de cinto; os seus pés descalços e apenas com sandálias, descansavam em estribos de pau; com o capuz deitado para traz, deixava ver uma cabeça calva e ossosa, assim como o rosto bronzeado pelo sol abravador da Palestina; os olhos encovados, brilhando com fulgor sombrio, flamejavam-lhe no interior das órbitas, e as suas feições descarnadas exprimiam um fanatismo selvagem; com uma das mãos segurava uma tóssca

dade que por baixo da água do poço gigantesco no meio do qual se elevava a torre fortificada, tinha saída na distância de meia légua do castelo, entre as rochas acumuladas no fundo de um precipício...

Fechado neste subterrâneo com os servos que partilharam a sua sorte, Den-Braô o Pedreiro tinha morrido entregue às torturas da fome.

A aurora nascente sucedia a esta noite, durante a qual os fugitivos tinham conseguido subtrair-se aos alzogos do castelo de Plouernel; Joana a Corcunda, no limiar da sua cabana situada na extremidade da aldeia, voltava incessantemente os olhos arrasados de lágrimas para a estrada por onde devia vir Fergan, que partia na vespereira em procura do pequeno Colombaiak; de repente a serva sentiu ao longe um grande tumulto causado pela aproximação de uma numerosa multidão; de vez em quando ouviam-se confusos brados prolongados, que dominavam estes gritos frenéticos — DEUS O QUER! DEUS O QUER! Finalmente, Joana avistou, desembocando de uma estrada e dirigindo-se para a aldeia, uma multidão de gente; a sua frente caminhavam um frade montado numa mula branca, cujos ossos lhe furavam a pele, e um homem de guerra cavalgando num pequeno cavalo preto, não menos lazareto do que a mula do companheiro.

O frade, a quem uns chamavam Pedro o Ermitaño, e outros Cucu o Sovina, vestia um hábito escuro esfarrapado; na manga esquerda, ao pé do ombro via-se cosida uma cruz de pano encarnado, sinal dos que partiam para a cruzada. Uma corda lhe servia de cinto; os seus pés descalços e apenas com sandálias, descansavam em estribos de pau; com o capuz deitado para traz, deixava ver uma cabeça calva e ossosa, assim como o rosto bronzeado pelo sol abravador da Palestina; os olhos encovados, brilhando com fulgor sombrio, flamejavam-lhe no interior das órbitas, e as suas feições descarnadas exprimiam um fanatismo selvagem; com uma das mãos segurava uma tóssca

dade que por baixo da água do poço gigantesco no meio do qual se elevava a torre fortificada, tinha saída na distância de meia légua do castelo, entre as rochas acumuladas no fundo de um precipício...

Fechado neste subterrâneo com os servos que partilharam a sua sorte, Den-Braô o Pedreiro tinha morrido entregue às torturas da fome.

A aurora nascente sucedia a esta noite, durante a qual os fugitivos tinham conseguido subtrair-se aos alzogos do castelo de Plouernel; Joana a Corcunda, no limiar da sua cabana situada na extremidade da aldeia, voltava incessantemente os olhos arrasados de lágrimas para a estrada

A BATALHA

PELA FRANÇA

Perspectivas de crise na metalurgia

A crise da indústria metalúrgica, anunciada há já bastante tempo pelos jornais operários franceses, parece que vai entrar agora numa fase decisiva.

A pesar do presidente de Conselho, Herriot, ter feito um vibrante apelo à nação para que o franco seja defendido, não é, no fim de contas, com o seu discurso que poderá remediar a gravidade da crise.

Na verdade, a estabilização do franco e até a sua valorização, não é coisa que agrade lá muito aosponentados da metalurgia francesa, e, ultimamente, por alguns artigos que temos lido na imprensa burguesa daquele país, notamos em que consiste verdadeiramente o "patriotismo" destes industriais.

Nuns deles a questão está exposta muito claramente: "uma alta do franco, por pouco sensível que fosse, seria um golpe mortal para as nossas indústrias e teria como resultado uma crise industrial e comercial, cujas consequências seriam incalculáveis".

As contradições capitalistas

Como conseguiram, pois, em França, conciliar os interesses destes países e os dos industriais, isto é, por um lado Herriot esforçando-se em apelar para a União Sagrada, com o fim de proteger o franco, e por outro, a grande indústria, declarando que uma alta do franco seria mortal para as indústrias metalúrgicas.

E' fácil compreender a razão da atitude dos industriais franceses, quando dissermos que eles sonharam aproveitar todas as ocasiões para se enriquecerem.

Só no ano passado, quando o franco teve uma baixa enorme, os capitalistas metalúrgicos fizeram rios de dinheiro.

Vê-se por consequência, que a estabilização do franco é o pior presságio que eles podem ter. Há pois uma situação paradoxal entre aqueles que fazem esforços para sustentar a valorização do franco e os que aproveitam da sua baixa, para fazerem fortuna. Tanto num caso como noutro, o operário continua a ser a eterna vítima daqueles que querem conciliar interesses contrários.

A arrogância do capital

E' nos períodos de grande actividade industrial, que a luta de classes toma um carácter mais severo, devido ao poderio do capitalismo.

A arrogância dos potentados do dinheiro tem ultrapassado todos os limites, exercendo contínuas perseguições contra os militantes e contra as organizações sindicais. Neste momento, estão eles fazendo todo o possível, aproveitando-se da crise que se aproxima, para dar o golpe de misericórdia aos sindicatos franceses.

Está pois preparando-se uma vasta ofensiva contra os nossos camaradas da França. A luta vai ser sentida e os industriais já se estão preparando. O perigo está iminente e para o combater o operário tem que preparar as organizações para a luta de classes.

E sobretudo, visto que é o capitalismo quem começa a batalha, desejamos ardentemente que a classe operária de França esteja à altura do seu dever, não só para lutar, mas também para triunfar.

Prossegue a greve dos tanoeiros de Gaia

VILA NOVA DE GAIA, 23.—Não é exatamente ao público, principalmente à classe operária, que os operários tanoeiros da firma Cok Burns Smiths se encontram em greve, não por reclamarem qualquer aumento de salário, mas sim para fazerem vingar uma velha aspiração da classe dos tanoeiros — a abolição da empreitada.

Aquela firma mantém-se irredutível perante o movimento, não se importando propriamente com os prejuízos que lhe adveem e o sacrifício que os seus operários fazem para fazerem vingar uma reclamação que só por birra ou capricho alguns industriais exportadores querem aniquilar. E porquê? Isto é que é preciso explicar-se:

Em algumas casas, principalmente exportadores ingleses, o regime da empreitada é um verdadeiro manancial, porque quando o trabalho aperta, aos novos, aos vadios, o trabalho é-lhes dado por enfeites; e, quando essa aperta escasseia, é-lhes apontado o ódio da rua. Aos velhos tanoeiros, aos quais inválidos para o trabalho, a esse pagam-lhes um salário a jornal que mal chega para a sua alimentação, obrigando-os ainda a vários trabalhos que só por muita precisão se podem tolerar.

E' vem isto a talhe de foice para se demonstrar ao público até que ponto chega a infame exploração dos dirigentes da firma Cok Burns Smiths, no pagamento que faz aos guardas de vigilância aos seus armazéns, durante a noite. E' inacreditável, mas é verdade: 200 réis por cada noite!!!...

Mas há mais ainda:

O abuso, o escarnejo que fazem dos seus operários, chega ao ponto de obrigarem qualquer deles a ir, quando chove, ao lado dum seu gerente, com um guarda-chuva aberto, a fim de que se não incomode em tirar as mãos dos bolsos do seu sobretudo. A face destes abusos inqualificáveis que, de maneira alguma se podem tolerar, a classe — fique-o sabendo o público — não consentirá ali nenhum dos seus componentes a trabalhar, enquanto aquela firma não acaba com estes abusos, com estes desparates, só próprios de criaturas indignas do respeito de todos os homens que presam e amam a civilização.

O moral dos grevistas é excelente, tudo indicando que a vitória lhes pertencerá como é de justiça. — E.

Bolsa de Trabalho e Solidariedade da Construção Civil

O delegado da Bólsa de Trabalho da Federação da Construção Civil vem realizar várias *démarches* junto dos ministros do Comércio, Marinha e Guerra no sentido de serem colocados os operários desempregados da província e arredores.

Este organismo está esperando de que as suas *démarches* muito contribuirão para que a crise seja atenuada.

INTERESSES DE CLASSE

Funcionalismo público

No artigo de *A Batalha*, de sexta-feira última, falando-se da campanha de descrédito ultimamente feita em todos os campos contra o Estado, dizia-se além de outras causas, que ao proletariado nem um Estado em que só os trabalhadores tivessem voto satisfaria. Porque, perante tal, o Estado seria sempre a minoria intelectual, e os funcionários públicos para todos os efeitos um oligarca como qualquer outra.

Ora dando-se a circunstância de, em várias vezes e nas colunas da própria *Batalha*, procurar defender a classe do funcionalismo público, alguns camaradas poderão julgar que eu ou o jornal estamos em contradição com aquilo que se escreve ou pensa, quando afinal tal se não dá. A doutrina adoptada e defendida pela *Batalha*, em nada implica com a defesa boa ou má que eu aqui possa fazer do funcionalismo, ou vez que, reconhecendo eu que muitos serviços são superiores na detestável organização do Estado, reconhecemos os camaradas também que funcionários não são só aqueles que desempenham serviços absolutamente inúteis à humanidade, como quaisquer nulos são já hoje.

Funcionários são todos aqueles que, embora dependam dum Estado caluniado e em descredito, prestam serviços indispensáveis à colectividade e ésses, apesar de em grande parte serem desconhecidos, não aspiram de forma nenhuma a constituir a tal oligarquia.

E certo que é a classe do funcionalismo a que mais se tem alheado do movimento progressivo que diária e vertiginosamente se vem operando e está quase no seu termo, mas isso a vários factores se deve atribuir e muito principalmente aos velhos preconceitos só próprios do avanço de idade e um pouco ao escândalo favoritismo político que campeia em todos os ramos dos serviços públicos, merecendo o qual os nulos tem sido possível alcançarem-se as mais altas e rendosas situações do estado; mas, a par disso, também na classe existem ainda que em pequeno número, criaturas que não concordam com o combate dado pelas classes conservadoras ao Estado — visto que esse combate, vindos de pessoas que vivem do roubo, da falsificação e da burla, apenas pode e deve visar a derribá-lo para, em seu lugar, erguer outros mais opressor e perigoso — nem por isso deixam também de o combater.

Forçoso seria explicar que aqueles funcionários de que falo como revoltados, apesar os são, não só pela forma aribitrária como mantêm e monta os seus serviços, se não ainda porque mais dados ao estudo da questão social, concordam com o dr. Silva Mamede, quando no seu livro "Socialismo libertário ou anarquista" sustenta que "a eliminação do Estado é uma consequência lógica do modo por que se tem operado a evolução social e que quando a solidariedade for completa, a sociedade será necessariamente anarquista, porque o Estado, como órgão historicamente necessário para suprir as deficiências da adaptação social, tendo perdido a sua função na sociedade não terá mais razão de existir", e além disso que, quer os retrogrados disfarçados em radicais querem quer não, e ainda que à frente dos sindicatos, como já começaram a falar, ponham criaturas de sua inteira confiança, nem por isso os factos deixaram de se consumar.

A defesa aqui feita é completamente necessária, e oxalá o fosse por quem melhor o pode e deve fazer, que então evitar-se-ia que o funcionalismo continuasse a ser o bode expiatório de todos os desmandos e asneiras que os políticos e os astuciosos fazem à sua conta e proveito. Por toda a parte se calunia e injuria o funcionalismo, sem se curar saber se os males de que o acusam são obra sua ou sequer se é ele o culpado, mas procuramos nós: acaso será ele o culpado a não ser pelo seu criminoso silêncio, do bodo fabuloso dado ultimamente na Caixa Geral de Depósitos a título de participação de lucros, em que o dr. Daniel Rodrigues abichou quarenta e nove mil escudos, o dr. Amancio de Alpoim quarenta e dois mil, um chefe de secção quatro e novecentos, e por aí forá; até um serventuário com mil e quinhentos? Por acaso será ele o responsável de que naquela repartição do Estado, onde pontifica um socialista que para glória da ideia nem ao menos manda estabelecer o princípio de igualdade de classe ou equidade de justiça na citada distribuição, os funcionários que têm um ordenado como quaisquer outros, à maneira de casa comercial distribuirão tais lucros no fim de cada ano? Não! Creio bem que não, a não ser pelo seu silêncio e pela sua desorganização, pois se essa não existisse não seria possível tanta e tão flagrante desigualdade de tratamento, pois a distribuição de lucros (*sic!*) dá-se noutros estabelecimentos, mas no entanto os interessados que respondem, pois nós que o desejamos no seu lugar, apesar das censuras dos zóilos e dos nulos, não lhe reconhecemos outra, conquanto que essa já não seja pequena.

PAULO EMILIO.

MISTÉRIO

Estranha-atitude da polícia da esquadra dos Terramotos

A polícia da esquadra dos Terramotos que nenhuma providência ainda tomou para evitar a obra sinistra dos "cavaleiros da luz", entretem-se agora, segundo nos vieram comunicar, em perseguir os rapazes pertencentes à Juventude Sindicalista da Meia Laranja.

Várias buscas tem passado à sede da Secção Juvenil daquele bairro, buscas que apenas redundam num verdadeiro fiasco, pois aquela instituição, criada para instruir os jovens contra a metralha não possue do que a que guardase a sua biblioteca.

Ná busca ontem levada a efeito por uma brigada de sete polícias, além da detenção dos circunstântes foi-lhes exigido que indicassem onde paravam os "cavaleiros da luz". Como mais uma vez se comprovasse a sua inocência os detidos foram soltos e a pregunta ficou sem resposta.

Tem algo de misterioso a atitude da polícia.

Quando tóda a gente sabe que são precisamente os jovens sindicalistas os visados pelo bando em referência, estranhemos que a polícia ignore esse facto, e que as vítimas vá preguntar pelos seus alugores!

Não andaria melhor a polícia deixando sossegado quem apenas com os seus recursos terá que contar quando for atacado?

Os ser-lhe há interdito tal procedimento?

PÁGINAS ALHEIAS

OS AGITADORES

por JULIO BOURGUIN

Os últimos sucessos consagraram uma tese abominável, muito do agrado dos srs. capitalistas: a da responsabilidade moral dos militantes que, por meio da palavra e da pena, dizem à classe operária quais são os seus deveres e os seus direitos.

Embora o Socialismo não reconheça chefe, tem, não obstante, homens de confiança que os nossos adversários baptisam com o nome de "agitadores", ou dirigentes da "escumalha".

Quando os habitantes dos Países Baixos, em luta contra Filipe II, souberam que os mais resolutos de entre os seus defensores tinham sido classificados de "miseráveis" (*gueux*) por um dos sequelas do monstro espanhol, acolheram a injúria com orgulho, aceitando-a com agrado; ainda se canta

podessem formar uma massa inerte e sem vontade!

Que fácil seria tudo, se os patrões não tivessem contra eles nas greves mais do que trabalhadores contra quem poderiam exercer represálias odiosas, uma vez acabados os conflitos!

Mas estes tempos passaram...

Gracias aos homens de coração considerados "agitadores", a consciência da classe vai surgindo entre os miseráveis, os rebeldes vão-se convertendo em exércitos.

O que põe os capitalistas num estado de colera, tanto mais agradável quanto mais impõente, é que, sempre que uma greve se declara, não se encontram apenas em presença dos seus operários, formando um irresistível bloco impessoal, oferecendo-se coletivamente ao rancor do adversário, mas ainda em face de "agitadores" estranhos ao movimento e que se tornam os interpretantes dos trabalhadores revoltados.

Aos "agitadores" como exploradores de greves, como os nossos militantes chamam-lhes "agitadores", termo ao qual atribui uma significação ruim, que todos levantam luva e reivindiquem energeticamente esse título, de modo a vêr-se mais um diploma de abnegação pela classe proletária.

A gente dominante parte desse princípio, que nela está profundamente arraigado: de que é lógico e inevitável que haja ricos e pobres. A ordem social actual considera-a

que é a classe dos exploradores de greves, como alguns lhes chamam, os patrões desejariam sempre dar-lhes com as portas na cara, porque contra esses homens não poderão mais tarde exercer o doce prazer da vingança. Ao lado do proletariado escravizado são necessários homens independentes.

A burguesia calunia os nossos "agitadores", acusando-os de provocar e agravar conflitos.

Quando se declara uma greve, sendo o movimento reconhecido como legítimo pelo Partido e pelos Sindicatos, os militantes limitam-se a levar aos seus companheiros em luta o apoio fraternal que uns a outros devem todos os homens compenetrados pelo grande princípio da solidariedade social. Seria monstruoso que eles se desintegrassem da luta empenhada, absteendo-se de tomar parte nela.

Aos "agitadores" como exploradores de greves, como os nossos militantes chamam-lhes "agitadores", termo ao qual atribui uma significação ruim, que todos levantam luva e reivindiquem energeticamente esse título, de modo a vêr-se mais um diploma de abnegação pela classe proletária.

A burguesia, constituída por uma associação de egoistas, é incapaz de compreender a grandeza impressionante da solidariedade socialista.

onde aí vêm energumensos, não há outra coisa senão homens de bom coração; onde não se lhe deparam mais do que demagogos ambiciosos, há pessoas desinteressadas.

Pode uma outra vez haver exceções, mas a regra não se altera por isso.

E, coisa estranha, em todas as nossas Agrupações, Sindicatos ou Cooperativas, a colectividade é que "agitam" os "agitadores", porque no Partido Socialista os mandatários não estão à disposição dos mandantes, mas estes desistem deles.

A burguesia possue uma mentalidade que a impossibilita de formular um juízo só, com respeito às classes laboriosas; a burguesia não pode emitir mais do que uma opinião subjetiva, quer dizer, é demasia- do egoista para que a si próprio se atribua a culpa, ao passo que a sua alma vil não lhe deixa ver o povo senão sob um vilão aspecto.

O "agitador" socialista não têm necessidade de desfigurar as misérias do proletariado para poderem convencer os homens de bom coração; os factos são por demais evidentes.

Que a burguesia — que adora os seus privilégios como as meninas dos seus olhos — afirme, se assim lhe apraz, que a resignação é o último recurso dos miseráveis.

A verdade sai dos lábios dos "agitadores" socialistas (mas perspicazes que os burgueses, porque olham para o futuro sem que nenhum interesse pessoal lhes perturbe a visão), quando asseguram que a humanidade não terá mais razão de existir, e além disso que, quer os retrogrados disfarçados em radicais querem quer não, e ainda que à frente dos sindicatos, como já começaram a falar, ponham criaturas de sua inteira confiança, nem por isso os factos deixaram de se consumar.

A defesa aqui feita é completamente necessária, e oxalá o fosse por quem melhor o pode e deve fazer, que então evitar-se-ia que o funcionalismo continuasse a ser o bode expiatório de todos os desmandos e asneiras que os políticos e os astuciosos fazem à sua conta e proveito. Por toda a parte se calunia e injuria o funcionalismo, sem se curar saber se os males de que o acusam são obra sua ou sequer se é ele o culpado, mas procuramos nós: acaso será ele o culpado a não ser pelo seu criminoso silêncio, do bodo fabuloso dado ultimamente na Caixa Geral de Depósitos a título de participação de lucros, em que o dr. Daniel Rodrigues abichou quarenta e nove mil escudos, o dr. Amancio de Alpoim quarenta e dois mil, um chefe de secção quatro e novecentos, e por aí forá; até um serventuário com mil e quinhentos? Por acaso será ele o responsável de que naquela repartição do Estado, onde pontifica um socialista que para glória da ideia nem ao menos manda estabelecer o princípio de igualdade de classe ou equidade de justiça na citada distribuição, os funcionários que têm um ordenado como quaisquer outros, à maneira de casa comercial distribuirão tais lucros no fim de cada ano? Não! Creio bem que não, a não ser pelo seu silêncio e pela sua desorganização, pois se essa não existisse não seria possível tanta e tão flagrante desigualdade de tratamento, pois a distribuição de lucros (*sic!*) dá-se noutros estabelecimentos, mas no entanto os interessados que respondem, pois nós que o desejamos no seu lugar, apesar das censuras dos zóilos e dos nulos, não lhe reconhecemos outra, conquanto que essa já não seja pequena.

E' o que Jaurés exprimiu nestes termos:

"Esses homens que o sr. ministro chama 'agitadores', se acaso se insurgirem antes que o povo se insurgisse, se porventura se levantaram antes que o povo se levantasse, organizando o proletariado primeiro de que este fosse uma força, falando-lhe numa sociedade nova, mostrando-lhe os seus deveres e direitos, sem nemhuma esperança de recompensa ou garantia para eles, afrontando as iras dos governos e também ainda a indiferença mais terrível da parte dos próprios trabalhadores, esses homens não são os ambiciosos de que o senhor fala, antes são homens de ideal, homens de fé. Quem incita as greves é o meio económico. Mas se alguém aguarda o momento em que as possa explorar, isso quer dizer que elas se produziram por si mesmas antes que esse alguém possa intervir na sua resolução."

Os "agitadores" socialistas não têm necessidade de desfigurar as misérias do proletariado para poderem convencer os homens de bom coração; os factos são por demais evidentes.

Que isto seja tomado na devida consideração a fim de evitar constantes prejuízos de tempo e continuadamente o envio dos mesmos para que lhes sejam postos os respectivos sítios em branco, o que ocasiona demora no funcionamento dos mesmos assuntos.